

de “Boletins”. Mas ainda bem que existem homens como Eurípedes Simões de Paula, com seu total desprendimento e espírito de benemerência.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS.

* * *

*

GUSDORF (Georges). — *De l'Histoire des Sciences a l'Histoire de la Pensée*. Editora Payot. Paris. 1966.

Apesar de tratar-se de uma publicação de quase 10 anos, este livro permanece atual, uma vez que muitas das críticas apresentadas permanecem válidas, o mesmo acontecendo com os caminhos propostos pelo autor, para uma renovação da História da Ciência.

Realmente, o contacto com um bom número de publicações neste campo, revela a falta de rigor metodológico ainda existente. E Gusdorf não apenas diseca a Historiografia existente, como propõe, como o título do livro indica, que a única saída válida para a História da Ciência é uma abertura para a História do Pensamento.

O exame do próprio termo História da Ciência, leva o autor a uma análise do que seja a “Ciência”, com um retrospecto rápido das significações tomadas pelo termo latino *scientia*, até o século XVII. Esta análise leva o autor à conclusão de que “a Ciência é uma variável histórica” (p. 15), ponto básico para as discussões posteriores.

A seguir é apresentada uma retrospectiva da História da Ciência desde Francis Bacon até o século XX, chegando por fim à apresentação de críticas e caminhos válidos a serem seguidos.

Suas críticas têm por base a tese de que a Ciência não é autônoma, mas “a expressão legítima de uma das atitudes que o pensamento humano pode adotar frente ao mundo” (p. 187) e como história de uma forma de pensamento, a História da Ciência deve por em destaque o pensamento global de um indivíduo, o que pressupõe a análise do panorama cultural de uma época dada. Dai ser a História da Ciência inseparável de uma História da Inteligibilidade (p. 182).

As críticas se voltam contra a História dos eventos (preocupada com a aquisição de verdades particulares); contra a construção regressiva da História da Ciência (que perde a visão da ciência da época passada) e contra a História da Ciência como uma História da verdade, já que os fatos devem ser interpretados em função da situação de conjunto (p. 160 a 180).

Como um programa inicial de pesquisa, o autor propõe o inventário de significações e valores que povoam o universo do conhecimento (p. 257), aproximando-se do programa já apresentado por Lucien Febvre no seu *Le problème de l'incroyance au XVIe siècle*.

Os projetos mais específicos: uma pesquisa sobre a história e a geografia do espaço-tempo científico; a procura de uma determinação do papel social da ciência; pesquisas sobre as bibliotecas, jornais, revistas, instituições; uma história dos meios de difusão da ciência; uma pesquisa sobre os homens que fizeram ciência, etc. (p. 289 e sg.).

Em suma, um livro para ser lido e para tornar-se base de reflexão, além de uma leitura rica, de uma intensidade de pensamento que seria de se esperar numa verdadeira História das formas de conhecimento.

MARIA AMÉLIA DANTES.

* *

*

BARBOSA (João Alexandre). — *A tradição do impasse. Linguagem da crítica e crítica da linguagem em José Veríssimo*. São Paulo. Editora Ática 1974.

Não se trata de uma análise de história da crítica brasileira, nem mesmo de um estudo sobre o pensamento de José Veríssimo, mas sim de um livro de Teoria Literária. É certo que o autor, como todo o bom historiador, fez uma pesquisa bibliográfica exaustiva, conseguiu reunir e ler toda a vasta e dispersa obra de José Veríssimo, compilando os artigos, resenhas e notas publicados em jornais e revistas, muitos dos quais não foram publicados posteriormente em livro. Esta coleta paciente permite-nos hoje conhecer realmente a totalidade da obra de José Veríssimo e possibilita assim um estudo do seu pensamento em todos os seus aspectos.

Mas esta massa documental foi desbastada em função de um problema, foi selecionada segundo um critério, e portanto uma parte não transparece no trabalho de João Alexandre Barbosa. Este não se preocupou com a totalidade dos enunciados à sua disposição, não constituiu com eles sub-sistemas de um sistema de pensamento. A análise temática ou a uma análise segundo a ordem das razões, preferiu o autor um estudo diacrônico, como se pode ver pelos títulos dos capítulos: “Uma geração constestante (1878-1890); “Um ‘grão de ironia e de cetismo’ (1891-1900)”; “A dupla face de Janus (1901-1916)”.

Recusando uma leitura de historiador, João Alexandre Barbosa pretende fazer uma leitura *atual* de José Veríssimo e considera essencial responder à seguinte pergunta: “O que significou a crítica literária para Veríssimo?”. É certo que o autor logo amplia a problemática inicial, agregando a esta outras questões: Qual o tipo de estrutura social com o qual se articula a obra do crítico? De que maneira esteve ela relacionada com o pensamento crítico-literário que a antecedeu? Qual a importância da obra de Veríssimo para o processo da literatura brasileira do seu tempo? Qual a sua repercussão posterior? Mas o fio condutor da análise permanece o mesmo, ditado pela mo-